



# PERCURSOS EM (DES)CONSTRUÇÃO: DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E IDENTITÁRIOS EM *A SUL. O SOMBREIRO, DE PEPETELA*

*Mariana Sousa Dias*

*Orientadora: Renata Flávia da Silva*

*Doutoranda*

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é analisar as transfigurações identitárias que se desenvolvem a partir dos deslocamentos espaciais empreendidos pelo protagonista Carlos Rocha no romance “A Sul. O Sombreiro” (2011), de Pepetela. Por meio de sua periclitante fuga para o Sul do território angolano, personagem nos indica não apenas a possibilidade, mas a necessidade de afastamento em relação às hierarquizações impostas pelo Norte. A partida representa, portanto, uma estratégia narrativa permeada por cruciais descentramentos identitários, remetendo-nos à complexidade da formação nacional angolana desde sua base; dessa forma, as transposições metafóricas da obra enfocam o caminhar da própria identidade nacional, investigando-a ainda em suas origens. Para tratarmos tal questão, recorreremos a importantes pesquisadores, como Frantz Fanon (2008), Homi K. Bhabha (2010), Michel Onfray (2009), Octávio Ianni (2000), Ana Margarida Fonseca (2012) e Dércio Braúna (2015), destacando a condição existencial transfronteiriça e híbrida de Carlos Rocha como sujeito submetido a uma estrutura colonialista. Pontuaremos, ainda, que tal particularidade pode ser vista como elemento catalisador de transformações, uma vez que é a partir da fuga que o protagonista pode, enfim, encontrar sua autonomia e reinscrever-se em outro contexto espacial e sociocultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pepetela, Angola, literatura, história, deslocamentos.

Com intensa produção romanesca, iniciada na década de 1970, Pepetela representa para Angola um dos mais proeminentes nomes quando se considera os delineamentos do país e de suas gentes, seja devido à quantidade de títulos publicados, seja devido ao notável

acolhimento da crítica especializada, evidenciado a partir do recebimento de homenagens como o Prêmio Camões, em 1997, e o Prêmio Internacional da Associação de Escritores em Língua Galega, em 2007. Conhecida por trabalhar tanto a história quanto a ficção a partir de novas perspectivas enunciativas, a obra pepeteliana revela o compromisso do autor com a angolidade ao pensá-la e problematizá-la nos contextos pré e pós independência, a partir de espaços, personagens e vivências que transitam desde a organização do Império Lunda ao desencanto pós-revolução.

Os liames entre passado, presente e futuro são notoriamente estreitos na obra do romancista e evidenciam a necessidade de permanente investigação da trajetória nacional como releitura de uma tradição a ser traduzida na modernidade. O movimento de pensar e descrever o processo que deverá conduzir a criação da nação angolana constitui a tônica do projeto literário de Pepetela; à volta desta temática, foram concebidos alguns dos seus principais romances, destacando-se *Mayombe* (1980), *Lueji* (1989), *Geração da Utopia* (1992), *A Gloriosa Família* (1997) e *Predadores* (2005).

A observação atenta das complexas hierarquizações e dos deslocamentos espaciais / identitários, perpassados pelas incertezas de uma trajetória em construção, orientam nossa leitura de *A Sul. O sombrero* (2011). Na obra, Pepetela dedica-se à terra natal: Benguela, e traz Angola nas primeiras etapas da colonização, durante os séculos XVI e XVII, quando Portugal estava sob governo da Espanha. De maneira mais precisa, apresenta-se a conquista do então Reino de Benguela, localizado ao sul de Luanda. A sul, portanto, localizava-se a rota ambicionada das grandes minas de cobre que estavam na Baía da Torre, cuja forma é a de um chapéu largo, lembrando um sombrero mexicano.

A obra é dividida em vinte e sete capítulos, e cinco narradores compartilham o universo da diegese: Simão de Oliveira, Margarida Sottomayor, Manuel Cerveira Pereira, Carlos Rocha e um narrador em terceira pessoa, que além de apresentar os fatos atua como comentarista em variados momentos. Tais posicionamentos são inseridos pelo uso de colchetes e itálicos, seja em sua própria fala, seja em falas dos demais narradores.

Sobre a presença dos deslocamentos na escrita pepeteliana, Rita Chaves indica-nos que:

Esse alargamento de domínios num certo sentido nos faz pensar naquela “fome de espaço”, a que se refere Antonio Candido, quando analisa a literatura brasileira do século XXI. Por fome de espaço, Candido entendia a motivação de um conjunto de esforços para desenvolver um conhecimento mais amplo do país, atribuindo à literatura a função de se apropriar do plano simbólico (...). Há, entretanto, uma diferença temporal que impõe um outro enquadramento ao contexto nacional. O Brasil vivia no século XIX o entusiasmo resultante de sua recente integração no concerto das nações livres, a despeito das limitações da nossa independência. Em Angola, o processo parece mais próximo do refluxo da utopia. (CHAVES, 2011: p. 45)

Sabe-se que a perspectiva do deslocamento é essencial aos estudos culturais, especialmente numa contemporaneidade caracterizada pela dinamização dos trânsitos físicos e virtuais. Dessa forma, sua escritura assume em *A Sul. O Sombreiro*. significação especial: assim como os personagens estão em movimento, também o leitor é levado a romper barreiras espaço-temporais, saindo do atualíssimo contexto de produção da obra para entrar em contato com as origens da formação nacional. A visitação de um passado remoto surpreendentemente revela-nos que arquétipos e práticas de tempos tão distantes receberam novas roupagens e ainda caracterizam os sujeitos angolanos no século XXI.

Octávio Ianni indica-nos que a viagem, como realidade ou metáfora, surge como um meio de o homem (re)conhecer a si e ao outro, visto que “sob vários aspectos, desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2000: p. 14). Nesse sentido, o deslocamento apresentado pela literatura traça um painel espaço-temporal revelador de uma série de reflexões, a partir do caminhante que “se perde e encontra, forma e transforma. E pode até mesmo reencontrar-se, transfigurado em outro de si mesmo” (Idem: p. 27).

É fundamental, ainda, considerar que tal processo, para o viajante, não é apenas físico, uma vez que se estende aos exercícios de observação, reflexão e identificação do próprio viajante. Nesse sentido, tempo e espaço não são dimensões estanques, afinal, perpassando o redimensionamento do olhar.

É por meio do olhar sarcástico do franciscano Simão de Oliveira que se inicia a narrativa. Já a partir de suas primeiras palavras, o padre indica a dessacralização de dois pilares do colonialismo português: a monarquia e a Igreja Católica – à qual integrou-se por medo de perseguições, devido às suas origens judaicas. Segundo o relato do vigário, a falta de jovens portugueses católicos e de linhagem nobre, com vocação para o celibato, fazia a Igreja

calar-se diante de possíveis irregularidades. Desde já questionam-se as reais intenções da ordem nas colônias:

E a minha ordem aceitou o ingresso e formou-me despachadamente, iam fazer como?, dada a falta de vocações religiosas entre as linhagens peninsulares, todas atraídas pela fortuna das Índias e do Brasil, para aí enviando os rebentos mais prometedores, os outros vegetando pelos paços. Ou nas ruas. Os superiores sempre conheceram as minhas origens, mas já não é crime ter proveniências hebraicas, crime é conservar as antigas lealdades de crença. (...) E eu sou como os outros todos, traímos a nossa religião milenar para guardar o pescoço, traímos o Deus do verdadeiro Livro para beijar os pés o deus pequeno do novo livro. (PEPETELA, 2011: p. 7-8).

O enfoque atribuído à Igreja pelo narrador já ao início da obra explicita a desconstrução do papel positivo e salvacionista que durante séculos respaldou o poderio dos religiosos nas colônias portuguesas, visto que suas atuações nada mais eram do que “uma profissão rentável, um simples negócio, nunca uma profissão desinteressada” (PEPETELA, 2011: p. 7).

Além das críticas já apontadas, Simão ataca ferozmente Manuel Cerveira Pereira, capitão do exército que chegou ao posto de capitão-mor e tornou-se governador interino de Angola, no ano de 1603. Combatente na Flandres e apadrinhado do Conde de Alba, Manuel Cerveira Pereira estabeleceu-se como governador de Luanda entre 1603-1606 e 1615-1617. Foi também responsável pela conquista de Benguela, onde permaneceu governador até o final de sua vida. É apresentado como “o mais inflexível e austero dos homens” (PEPETELA, 2011: p. 17). Portava-se em Angola como um verdadeiro fidalgo, trajando roupas escuras e botas altas, que lhe causavam enormes bolhas nos pés. Não as dispensava por acreditar que “a humildade de andar descalço ficava bem ao peregrino e ao homem atormentado pelos seus pecados. E aos negros. Nunca a um fidalgo de sua majestade Filipe de Espanha” (PEPETELA, 2011: p. 15). Seu objetivo principal era enriquecer às custas da colônia, seja a partir da exportação de matéria-prima local, seja a partir do tráfico de escravos.

O grande ódio que o padre semeia contra o governador é apresentado a partir da primeira caracterização a ele atribuída na obra:

Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho de puta. O maior filho de puta que pisou esta miserável terra. Pisou no sentido figurado e no próprio, pisou, esmagou dilacerou, conspurcou, rasgou, retalhou. O filho de puta admito ser apenas no figurado, pois da mãe dele pouco sei, até dizem ter sido prendada senhora e de bem. Embora quem tal crocodilo deixou crescer no ventre pomba não deveria ser, afirmam os entendidos. Mas mereço eu, desgraçado padre, julgar o ventre de donas bem casadas? (PEPETELA, 2011: p. 5)

A procura por metais e a venda de escravos representam uma verdadeira obsessão para Manuel Cerveira. Odiado pelos nativos – uma vez que sua política de exploração consiste em aliar-se aos sobas para em seguida traí-los, prosseguindo com a exploração do território e o recolhimento de escravos a serem enviados para o Brasil – e pelos colonos – que o consideravam um mero subordinado do Rei Filipe e, portanto, também traidor de Portugal – o governador tinha por objetivo acumular riquezas e retornar a Portugal assim que terminasse suas incursões.

Desejoso de explorar o território angolano mais a fundo, visto que Angola compreendia apenas Luanda, ainda um esboço de cidade, Cerveira sente-se motivado a ir para o sul após conhecer o degredado Andrew Battell. Personagem fundamental para a narrativa, o inglês é uma figura histórica: de fato esteve em várias incursões em África e, já na Europa, publicou relatos (reais ou não) de suas aventuras pelo território. Trata-se, portanto, de um dos perpetuadores do imaginário selvagem que permeia a concepção ocidentalista de África, construída inicialmente por meio das percepções dos viajantes europeus.

Ironicamente, tal qual os contadores africanos, Battell é representado na obra como um aventureiro que encanta seus interlocutores ao contar estórias de viagens. Apesar de afirmar que “todo inglês é demoníaco e traiçoeiro” (PEPETELA, 2011: p. 40), Manuel Cerveira dá ouvidos a ele, pois o considerava:

Astuto, conhecedor daqueles matos como poucos, muito hábil com as armas. Reconheci logo o valor dele quando se apresentou em Massangano, dizendo fugir dos jagas. **Aliás, quem não conhecia as façanhas do inglês louco, bom piloto, grande falador, exagerado em tudo o que contava, o qual tinha ficando em território dos benguelas, lá para sul? (...)** Pode ser um grande exagerado, mas muito do que diz cheira a verdade, outros também o afirmam. **Claro, a nós conta sempre a parte boa, a que lhe realça o valor ou nos convence de encetar algo que o favoreça, escondendo as suas**

**patifarias. Todos nós o fazemos, não é?** (PEPETELA, 2011: p. 40 - Grifos nossos)

Conhecermos o fato de que tanto Cerveira quanto Battell escreveram sobre Angola e tornaram-se referências ao longo do tempo é fundamental para entendermos a desconstrução da historiografia e dos relatos de viagem canônicos. Radicado em Angola, Battell é descrito como uma figura sagaz: tinha bom relacionamento com diferentes sobas e com os temidos canibais jagas. Falava línguas de diferentes tribos e escrevia bem em Português, coisa que “só os fidalgos e alguns padres conseguiam” (PEPETELA, 2011: p. 41). Uma vez que desejava a permissão do governador Cerveira para livrar-se de sua pena e retornar à Inglaterra, Battell passa acompanhá-lo em suas incursões. Em uma de tais empreitadas, o aventureiro fala, então, sobre Benguela.

Para desbravavar o território, seria necessário angariar recursos. Ainda que obtivesse muitos lucros por meio do tráfico de escravos na região do Massangano, o governador passou a escrever insistentemente ao Rei com o objetivo de iniciar a exploração de metais em Benguela. Entretanto, acabou por descobrir que, após alguns anos no cargo provisório, as conspirações de colonos como Padre Simão, André Sottomayor e o bacharel Manuel Nogueira finalmente surtem efeito. Substituído e preso por Manuel Pereira Forjaz, novo governador de Angola, Cerveira é enviado a ferros no primeiro barco para Portugal sob acusações de insubordinação ao Rei Filipe.

Já na prisão portuguesa, Cerveira recebe das mãos do escrivão Francisco Rocha sua fortuna, acumulada por meio do desvio de impostos e do tráfico de escravos. Com o dinheiro e a ajuda de alguns familiares, corrompeu os poderosos e conseguiu ser absolvido pelo rei das culpas que lhe foram impostas. Após defender sua inocência, Cerveira Pereira convence o rei sobre a veracidade da existência de minas de cobre em abundância na região de Benguela. Afirmou que não conseguira iniciar a exploração pela falta de recursos, direcionados majoritariamente para Luanda.

Seus principais apoiadores na exploração foram os parceiros jesuítas, que o incentivaram a partir mesmo sem o efetivo recebimento de recursos do Rei Filipe, que “respondia com ordens para a Mesa da Fazenda, no sentido de satisfazer os pedidos que afinal eram promessas suas, desfeiteadas pelos burocratas de Lisboa” (PEPETELA, 2011: p. 223):

A chegada de Cerveira e seus homens ao sul é perpassada por uma atmosfera oculta, pois, ao chegar à região, Manuel Cerveira sentia-se “atraído por algum mistério até hoje não cabalmente desvendado” (PEPETELA, 2011: p. 224), descrito pela intromissão do narrador onisciente como “imposição de Kianda, o ser mais mítico das águas do mar, charcos ou rios” (PEPETELA, 2011: p. 225). O destino de Manuel Cerveira passa a tomar forma assim que ele chega à baía pantanosa e inóspita:

Manuel Cerveira Pereira resolveu desembarcar [na Baía da Torre, Baía das Vacas ou de Santo António] e fundar a cidade, para ser a capital do que ele tinha pomposamente chamado o Reino de Benguela. São suas as entusiásticas palavras para o rei, justificando a escolha do sítio “por não achar melhor porto, terra de mais salutíferas ares, fértil e abundante do mantimento da terra, como na abundância de muito e diverso peixe que há nesta baía, estando vizinho de dois rios que correm de excelente água.” (PEPETELA, 2011: p. 224)

Segundo indicação do autor, em nota de rodapé, o trecho entre aspas faz parte da *Carta de Cerveira Pereira para Filipe II*, de 6 de março de 1618. O documento histórico é imediatamente ridicularizado por Pepetela, pois estavam entre pântanos que possuíam enxames densos de mosquitos que picavam e faziam os homens adoecerem “com as célebres febres que derrotavam um exército antes mesmo de ele entrar em batalha” (PEPETELA, 2011: p. 227).

Autoritário e alheio aos conselhos de sua tripulação, Manuel Cerveira Pereira não aceitava ser alertado quanto ao clima ou à profusão de doenças. Descontentes com sua atuação, muitos dos seus homens preparavam fugas, algumas bem sucedidas, outras impedidas pelo governador ou pelas febres que os acometiam. As baixas foram enormes, e Cerveira não demonstra importar-se sequer com seus familiares, considerados apenas pelos benefícios que poderiam lhe oferecer. O despotismo de Cerveira Pereira caiu no desagrado dos homens que se revoltaram e o prenderam, deixando-o à deriva.

Por sorte sua e azar dos seus inimigos, Cerveira é lançado pela corrente de Benguela à Luanda, onde é levado imediatamente ao novo governador Luís Mendes de Vasconcelos. Este o despacha para o Colégio dos Jesuítas, a pedido do Padre Jerônimo Vogado, reitor da instituição. Ao lado dos amigos jesuítas e do fiel Gaspar Álvares, Cerveira Pereira se recupera

e parte para Benguela, a fim de reconquistar seu posto. Indignado com os boatos de sobrevivência e retorno de Cerveira, padre Simão resolve fugir para o Brasil, não sem antes amaldiçoar a terra a que fora levado à força por seu inimigo.

O sul, espaço tão almejado por Cerveira para a exploração do cobre durante anos, efetivamente transforma-se numa armadilha para os seus exploradores. O vaticínio de Simão de Oliveira indica que todos os seres daquela terra estão fadados à desgraça, devido ao fato de a cidade ter sido fundada pelo mais explorador e cruel dos homens que esteve em Angola.

Ao retornar, Cerveira encontra aproximadamente vinte moradores, já que os outros ou haviam desertado ou morrido, acometidos pelo paludismo. Retoma seu poder e parte com uma comitiva à procura dos metais. No sítio outrora mencionado por Battell, extraem quantidade generosa de rochas que são levadas por Cerveira para Luanda e posteriormente enviadas para análise na Espanha. Enquanto não recebe o resultado, Cerveira enriquece por meio do comércio de sal, conchas e carne de boi, “sem prestar contas nem pagar impostos à Fazenda Real” (PEPETELA, 2011: p. 336).

Não obteve resposta por um tempo e, só mais tarde, Sua Majestade, o Rei Filipe, “escrevia, intimando-o a parar com a procura do cobre, pois as amostras enviadas revelavam pouco teor, não valendo a pena investir esforço e capitais para tão fracos resultados” (PEPETELA, 2011: p. 339-340). Assim, Manuel Cerveira Pereira – já “velho e cansado, quase cego de um olho e a manquejar por ferimento num combate” (PEPETELA, 2011: p. 340) –, finalmente desistia do seu sonho e pedia para ser dispensado e voltar a Portugal, com “os poucos rendimentos adquiridos e assim amparar a família desvalida” (PEPETELA, 2011: p. 340).

Quase um ano depois do pedido de rendição, o rei nega-lhe autorização de retorno a Portugal. Cerveira deveria permanecer em Benguela, auxiliando para que a colônia não fosse tomada por inimigos e concorrentes. No entanto, não demorou muito tempo por lá, embarcando novamente para Luanda, desta vez doente, onde morreu, “no colégio dos jesuítas, rico como um nababo, mas vivendo e morrendo miseravelmente” (PEPETELA, 2011: p. 355).

Paralelamente a Manuel Cerveira Pereira, temos o segundo grande nome do romance: Carlos Rocha. Através dele, Pepetela não só angolaniza a História do período inicial da

colonização de seu país, como também amplia a denúncia sobre aquele que mais sofreu com o tráfico negreiro e que foi o sujeito real da história, o dominado. O fato mais relevante acerca do personagem é a crença de que seria um negro de alma branca, problematização que se inicia na suposta ligação entre ele e o navegador Diogo Cão:

Quem olhasse para Carlos Rocha não diria, este homem tem sangue de branco. Escuro e de cabelo carapinha. Os lábios menos grossos talvez servisse de pista. Mas há negros de lábios finos. Carlos Rocha, querendo, poderia se vangloriar de ascendência europeia, no caso de isso servir para alguma coisa, na altura dos factos narrados e ainda agora. Com efeito, o seu bisavô era um dos capitães de Diogo Cão, na primeira viagem de europeus à foz do rio Kongo, em 1482. À boca pequena se dizia ter sido não um oficial, mas o próprio navegador Diogo Cão que pusera barriga numa princesa do reino, princesa do Soyo. Por aí se vê como os mujimbos podem ser teimosos, resistindo ao tempo e muitas vezes às evidências contrárias. Carlos Rocha não sabia se seu bisavô era o Cão ou outro navegador qualquer, mas uma coisa sabia, sua bisavó nunca fora princesa nenhuma, antes filha e sobrinha de ferreiro, profissão aliás de estirpe importante, pois detentora de poderes sobre o fogo e o ferro, ambos possuído pelo espírito da poderosa cor vermelha, como as armas e a guerra. (PEPETELA, 2011: p. 26)

Outra caracterização reiteradamente atribuída a Carlos Rocha ao longo do romance é sua inteligência. Sabe-se que a suposta superioridade intelectual dos portugueses em relação a negros e mulatos constituía um dos pilares da investida colonial. O jovem, portanto, caracteriza uma desconstrução de tal pensamento.

Carlos Rocha é um luandense que “cresceu com a cidade” (PEPETELA, 2011: p. 30). Sabia ler e escrever, trajava belas vestes e possuía um escravo, seu fiel companheiro Mulende. A posição privilegiada do protagonista em relação aos demais negros advinha da atuação de seu pai, Sebastião Rocha, o Mbaxi, como vendedor de escravos. É justamente quando o pai começa a perder suas posses que a sorte de Carlos Rocha muda.

Temeroso com a possibilidade de ser negociado pelo próprio pai, Carlos foge de Luanda, “numa manhã de cacimbo” (PEPETELA, 2011: p. 34). Ainda que ele tivesse uma relação quase fraternal com Mulende, a relação de submissão do escravo ao seu dono apresenta-se a todo momento:

A Mulende disse, quando caminhavam, vamos até o Kwanza. Nunca tinham feito a viagem e o jovem estranhou. Mas escravo, mesmo se tratado como

parente, já aprendeu com a vida, perguntas só as imprescindíveis. Os donos de escravos, mesmo os melhores cristãos, têm reações imprevisíveis, geralmente violentas. **E a cor não significa nada.** (PEPETELA, 2011: p. 35-36 - Grifos nossos)

Carlos Rocha é, portanto, um negro, que foge de Luanda pelo medo de ser vendido, apesar de ter um escravo e não se sentir mal por isso. A cadeia de dominações do negro pelo negro, bem como a busca por um lugar seguro remete-nos, indubitavelmente, à confusa formação da identidade nacional angolana. Ao contrário de Manuel Cerveira, cuja fixação era acumular riquezas em Angola, Carlos Rocha não tinha objetivos claros ao iniciar seu deslocamento. Apesar de representar um contraponto à figura cruel e desonesta do governador, o jovem não é uma figura heroica, mas sim um sujeito em busca de referências. A partida não significa para Carlos Rocha uma busca concreta e material, como a de Cerveira, mas sim subjetiva; seu caminhar atrela-se à busca de um novo ser e estar em Angola. Não apenas o medo de ser apanhado motiva Carlos, mas também (ainda que não conscientemente) a falta de um sentimento de efetiva ligação e pertencimento a Luanda. É a partir da busca de seu lugar fora da cidade, bem como de sua própria identidade, que as figuras de Carlos e Cerveira começam a se cruzar. Sem mesmo conhecer o governador – apesar de tê-lo “entrevisto uma vez na vila de Luanda, muito direito, com uma espada a lhe bater na coxa esquerda e **aquele andar estranho de quem finge não coxear**” (PEPETELA, 2011: p. 50 - Grifos nossos) – Carlos Rocha sentia grande temor por Manuel Cerveira Pereira, não apenas pela má fama do governador:

Ouvira falar de aldeias existentes ao longo do Kwanza até a fortaleza de Massangano, mas não tinha a intenção de ir tão longe. Ainda por cima sabia, o governador tinha regressado para lá (...). O instinto lhe dizia para se conservar longe daquele governador. E não era só instinto, também Na Gongga, uma mais-velha sabedora das coisas e que tratava com os espíritos do cesto de adivinhação. (PEPETELA, 2011: p. 51-52)

Sem nenhum planejamento, Carlos e Mulende seguem para o sul de Luanda, onde conhecem diferentes sítios, estabelecendo-se por períodos curtos em alguns deles, durante dois anos. Nesse ínterim, encontram um inglês, que se dizia fugitivo do governador, uma vez que desejava forçá-lo a buscar metais e escravos na região do Massangano, aproveitando-se

de sua condição de degredado: Andrew Battell, assim como fizera com Manuel Cerveira, encanta Carlos ao falar sobre o sul e a abundância de metais da região, onde poderiam estabelecer-se longe de Luanda.

Um ponto interessante do contato inicial dos jovens com o inglês é o fato de que, ainda desconfiados, não revelaram suas verdadeiras identidades. Carlos informa a Battell que Mulende se chamava Mokambo e que ele se chamava Aníbal, nome significativo para o leitor da obra pepeteliana, visto que se trata do principal personagem de *A Geração da Utopia*. Aníbal, de alcunha O Sábio, sonhava com uma sociedade livre das complexas e injustas hierarquizações sociais e raciais em Angola, curiosamente retratadas em suas origens pela própria figura de Carlos Rocha, como o negro, dono de um escravo negro, em fuga para não perder a sua posição.

Depois de “contar todas as peripécias com os jagas” (PEPETELA, 2011: p. 95), Battell assegura que, caso desejasse ir para o sul, Carlos poderia informá-los de que se tratava de um amigo do Kingrêje (“inglês”, na língua do povo jaga), caso precisasse de proteção nas terras desconhecidas. Seguro de que poderia fugir definitivamente de Manuel Cerveira, Battell parte de Angola, “deixando a maior parte da sua fortuna para Carlos Rocha, agora possuidor de três escravos, quatro dentes de marfim e bastante pólvora e sal”. (PEPETELA, 2011: p. 100-101) Battell se vai, mas suas palavras acabam por marcar Carlos Rocha, que passa a sonhar a partida:

Carlos meditava sobre seu futuro. O inglês decidiu de repente partir, como devem ser tomadas as grandes decisões. E ele? **Também ele tinha ficado marcado pela estória ou estórias contadas por Battell.** E muitas vezes lembrava o episódio do grande chefe jaga cujo machado tinha um punho com ouro apanhado a sul de uma baía chamada Torre ou das Vacas. Aí não havia brancos nem caçadores de escravos. (...) **Há visões que entram na cabeça das pessoas, inadvertidamente. Foi como a de uma baía larga de mato rasteiro e calmas águas, dominada por um morro com forma de chapéu largo, um sombreiro.** (PEPETELA, 2011: p. 101 - Grifos nossos)

Nesse ponto, retomamos a importância do deslocamento ao considerarmos a figura de Battell, dessa vez a partir do olhar para a literatura de viagem, que representou um dos pilares do pensamento imperial. Tais relatos assumiram uma posição referencial e, em virtude disso,

por muitos anos fora vista como compilação de testemunhos, fator que lhe conferia o status de documento, e categorizava-o como texto mais do âmbito da história que da própria literatura.

Ao tomar conhecimento da prisão de Cerveira pelo governador Forjaz, Carlos retorna a Luanda. Entretanto, é evidente que o jovem já percebe que a cidade não é seu lugar. O objetivo de Carlos não é se fixar em Luanda novamente, mas assitir sua família. Entrega algum dinheiro à mãe, como forma de garantir o futuro dela e dos irmãos, caso o pai viesse a falecer:

Carlos tinha escolhido bem a hora para chegar à cidade, o pai estava fora de casa, provavelmente numa taberna perto do porto. Em breve a a notícia chegaria até ele e viria reclamar. Mas o filho não era o mesmo que fugira, o filho era um homem e com algumas posses, não muitas, exagero dos irmãos lhe chamarem rico. Sobretudo, o filho deixara de ter medo dele e de repente também parecia ter perdido o receio de ser vendido como escravo. O pai é que devia ter medo, se não se portasse decentemente. (PEPETELA, 2011: p. 143)

Carlos ganhara autonomia e agora poderia ir para o sul sem dar muitas explicações. Destaca-se, nesse ponto da obra, um acontecimento fundamental para Carlos Rocha: o encontro com o pumbeiro Zala Nkundu, que lhe pergunta sobre as ossadas de seu bisavô, Diogo Cão. Ao informar que desconhecia tal localização, o jovem ouve de Zala Nkundu que, segundo os mais velhos, tais ossadas estariam justamente a sul, para onde Carlos desejava se dirigir. A notícia o deixou intrigado:

Informação útil? Não via como usar esse mujimbo para tirar proveito. Já se foram mais de cem anos desde a chegada de Diogo Cão. Cem e muitos. **E neste terra as coisas abandonadas apodrecem depressa**, os corpos se corrompem, as ideias ainda mais. Da mesma maneira, **a lembrança do que aconteceu não é muito importante, porque quem volta a contar distorce a estória. Talvez seja a razão de ninguém querer saber do passado, cada um vive o presente**, de preferência a dançar e a beber. (PEPETELA, 2011: p. 154 - Grifos nossos)

Notemos que Pepetela não critica estritamente o desconhecimento da história, mas sim do passado, de forma mais ampla. A falta de investigação das lacunas deixadas pelo passado permite a distorção dos fatos, relatos e vivências, que se dissipam, suprimidos pelo discurso

historiográfico. A oposição entre a grandiosidade da figura de Diogo Cão frente ao desconhecimento da localização de seu corpo, perdido em África, reforça que tanto as estórias quanto as histórias angolanas estão sendo esquecidas por seu povo, o que gera graves consequências para os angolanos contemporâneos.

Como sujeito-viajante, Carlos de fato inicia seu rito de autodescobrimento. O percurso emblemático pelo pretexto de localizar as ossadas do conquistador português Diogo Cão numa misteriosa e inexplorada região angolana é “simultaneamente alimento e elemento metamorfoseador” (SEIXO, 1998: p. 33): seu caminhar passa a representar duplas descobertas: de si e do outro, da individualidade e da coletividade, do local e do estrangeiro, da inovação e da tradição, tensionamentos inerentes à formação do espaço catacrético. Antes de ser uma partida em busca de outros lugares ou, a viagem é, essencialmente, um encontro do viajante com consigo mesmo, a partir das relações que estabelece ao longo do caminho. É justamente a partir de tal busca que Carlos Rocha inicia uma travessia maior que a busca pelo sul, traçando – ainda que inconscientemente – novas reconhecções identitárias:

Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. [...] Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta o véu do ser. (ONFRAY, 2009: p. 75)

A caminho de Benguela, Carlos Rocha conhece Kandalu, uma jovem jaga por quem se apaixonou. A amizade com Andrew Battell garante-lhes a permissão das famílias das moças para acompanhá-los, bem como a companhia de um grupo de guerreiros para protegê-los nas matas. A partida ocorre sem o alembamento devido, mas o luandense garante retornar ao término da expedição para pagar as dívidas. O alembamento devido, entretanto, seria entregar um humano para ser comida durante a cerimônia de núpcias, ideia que causava horror a Carlos.

Kandalu, já esposa de Carlos Rocha, engravida. Para ela, a criança não tinha nenhuma importância e deveria ser descartada logo após o nascimento, conforme a tradição de seu povo. Carlos, por ter outra cultura, não aceita os costumes jagas e se empenha em convencer Kandalu a não abandonar a criança. No momento em que Kandalu inicia o trabalho de parto, os jagas escutam a movimentação de um grande grupo de brancos, o que os coloca em alerta, à

espera de um possível confronto. Aproveitando-se da confusão, Carlos Rocha consegue despistar os guerreiros para preparar fuga junto a Mulende, Kandalu e o filho recém-nascido.

Nesse ponto é crucial pensarmos o que os deslocamentos para o sul representaram para as duas personagens. Sem o cobre tão cobiçado ou a possibilidade de desfrutar suas riquezas em Portugal, Manuel Cerveira destroi-se em prol da acumulação, numa representação do caráter parasitário do colonialismo português. Ao deixar Benguela para trás, tomado pelo desgosto, Cerveira já não se importa com os rumos daquela região:

E Benguela? No meio de miséria e falha de futuro, benguela se mantinha quieta, como parada ao sol, talvez derretida mesmo pelo astro e encharcada pelos seus pântanos. – Cidade azarada vinda de um sonho sem nexo – diria um poeta anônimo, bem mais tarde. (PEPETELA, 2011: p. 346)

Carlos, por sua vez, é o negro de alma branca que se casa com uma jaga: ele precisa abandonar os costumes citadinos; ela precisa abdicar das rígidas tradições tribais. É no sul que eles têm a possibilidade de recomeçar suas vidas e de criar o filho, fruto da diferença e sobrevivente da dominação colonialista, representada pela figura do governador. Mulende acaba por casar-se com uma mulher mundombe e livra-se também da sua condição de dominado. Naquele espaço ele não mais seria submetido a Carlos, mas de fato seu amigo. As marginalidades de Carlos, Mulende e Kandalu, guardadas as suas particularidades, não cabem ao espaço de recomeço e paz tão buscado pelo jovem. O romance é finalizado com um questionamento perpassado de ironias e fundamental à compreensão desse contexto de redefinições identitárias: “A propósito de relevâncias, Diogo Cão, onde param as tuas ossadas?” (PEPETELA, 2011: p. 356)

Carlos foi ao sul com o pretexto de localizar as ossadas do antepassado português, perdidas em alguma das localidades que explorou e conquistou para a metrópole. A grandiosidade do imperialismo é representada, assim, por ossadas perdidas – desimportantes para Carlos Rocha ou mesmo para Portugal. Por outro lado, Pepetela não nega a importância do resgate dos próprios registros oficiais referentes ao período, pouquíssimo conhecidos pelos angolanos. Reiteramos, assim, que a obra vai ao encontro da metaficção historiográfica, visto que não nega o discurso canônico. A ênfase dada pelo autor à pesquisa documental feita para

a composição do romance mostra-nos que não há como investigar ou problematizar registros oficiais da formação nacional sem o seu devido conhecimento.

Além dos deslocamentos de Manuel Cerveira e de Carlos Rocha, os leitores voltam-se agora a Benguela, espaço marginal na já marginalizada Angola em formação. Ao acompanharmos as duas trajetórias, somos transportados não apenas ao sul de Luanda, mas sim a um *locus* especialmente ex-cêntrico, visto que ainda era ignorado pela coroa e evitado pelo nativos, seja devido ao acesso limitado pelos temidos guerreiros jagas, seja devido às condições adversas da região pantanosa.

Destacamos, ainda, que Carlos, Mulende e Kandalu são personagens fictícias, ao contrário de Manuel Cerveira e Diogo Cão. É por meio da escrita pepeteliana que podemos vislumbrar a reconstituição desses sujeitos a sul: ao considerarmos que passado, presente e futuro perpassam-se na obra pepeteliana, a possibilidade de transformação paira também ao término de *A Sul. O Sombreiro*; Benguela “seria mesmo azarada?” (PEPETELA, 2011: p. 346) ou estaria “apenas em prudente hibernação?” (Idem)

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHAVES, Rita. “Representação do espaço e deslocamento das utopias”. In: PADILHA, Laura Cavalcante; SILVA, Renata Flavia (Orgs.). *De guerras e violências: palavra, corpo, imagem*. Niterói: EDUFF, 2011.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- IANNI, Octávio. “A metáfora da viagem”, in: *Enigmas da Modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: Ed. LP&M, 2009
- PEREIRA, José Maria Nunes. “Colonialismo, racismo, descolonização”. In: *Estudos Afro-asiáticos*. Revista Cândido Mendes, nº 2: 1978, p. 47-53.



PEPETELA. *A Sul. O Sombreiro*. São Paulo: Leya, 2011.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.